

## INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: AS EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES COM ALUNOS SURDOS NA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA

Ana Paula Bento da Silva<sup>1</sup>  
Tatiane Patrícia Santos Nascimento<sup>2</sup>  
Marla Vieira Moreira de Oliveira<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

A educação escolar é um processo que necessita do diálogo entre os indivíduos que fazem parte dele. Em termos inclusivos, este diálogo é importante para que o processo de inclusão seja realmente alcançado e mantido. Na sala de aula regular o geralmente essa relação acontece entre o aluno e o professor, mas a partir desta pesquisa em que temos a presença do aluno surdo, o intérprete passa a fazer parte deste diálogo.

Sabe-se que o processo de inclusão depende efetivamente dos indivíduos que formam o espaço educativo inclusivo, logo, entender a interação professor/aluno surdo/intérprete faz total diferença no fazer pedagógico. Logo:

Embora sejam notórios os avanços em relação às últimas décadas no que diz respeito aos direitos educacionais da pessoa com deficiência, ainda existe uma grande lacuna entre as diretrizes legais existentes e a efetivação do acesso e permanência dos alunos com necessidades educativas especiais, principalmente na educação superior. (SIQUEIRA; SANTANA, 2010, p. 135).

De acordo com o mencionado surgiram alguns questionamentos: o professor tem algum conhecimento sobre surdez? Mesmo com o intérprete, o professor interage com o aluno surdo e com os alunos ouvintes? Valoriza a presença do intérprete? Dentre outros que serão apresentados no decorrer deste texto.

Com tantos questionamentos e a fim de respondê-los o objetivo geral é entender a relação em sala de aula entre professor, aluno e conseqüentemente o intérprete a partir das experiências dos professores. Para se chegar a tal objetivo foi realizada uma

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA, [ana.bento@urca.br](mailto:ana.bento@urca.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA, [tatiane.santos@urca.br](mailto:tatiane.santos@urca.br);

<sup>3</sup> Marla Vieira Moreira de Oliveira: Doutora em Educação (UFC), Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA, [marla.vieira@urca.br](mailto:marla.vieira@urca.br).

pesquisa bibliográfica com os autores: LACERDA, 2006, SIQUEIRA; SANTANA, 2010, CONSTANTINO; DORNELES, 2019, e uma pesquisa de campo através da aplicação de questionário para os professores do ensino superior do curso de pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Este se trata de um estudo de caso de cunho qualitativo. Com a finalidade de chegar ao o objetivo proposto foi necessário um levantamento bibliográfico que abordassem temáticas aproximadas deste estudo, logo tivemos base teórica em LACERDA (2006), SIQUEIRA; SANTANA, (2010), CONSTANTINO; DORNELES, (2019) entre outros. Diante do levantamento, foi construída a delimitação e análise do material bibliográfico. O segundo momento consta da elaboração e aplicação do questionário com os professores da pedagogia que tiveram ou tem um aluno surdo matriculado em sua disciplina. Para a coleta de dados, devido ao contexto pandêmico, foi utilizada a ferramenta *google forms*. Mediante as leituras e devolutivas dos questionários, foram identificados através das siglas P1, P2 e P3. Foram feitas as análise dos dados afim de refletir acerca das respostas.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A inclusão escolar é uma temática rica em questionamentos. Quando se trata do aluno surdo, esta inclusão deve permitir que haja um diálogo entre pessoas que não falam a mesma língua. Logo se tem duas questões importantes, a presença do intérprete de Libras em sala de aula e um professor que saiba Libras e as necessidades visoespaciais para organização de sua aula. De qualquer forma, é importante ter em mente que:

A linguagem é algo bastante significativo na identificação e reconhecimento do ser, pois é através dela que muitas coisas em nossa vida são representadas e reproduzidas. A língua de sinais está associada a uma experiência visual que manifesta as formas da cultura surda. (CONSTANTINO e DORNELES, p. 8, 2019).

Para a efetiva inclusão é necessário uma mudança comportamental e nos espaços, logo:

[...], a prática desta inclusão social, educacional, repousa em princípios até então considerados incomuns, tais como: a aceitação das diferenças individuais, a valorização de cada pessoa, a convivência com diferentes grupos sociais e a aprendizagem através da cooperação. A inclusão Social, portanto, é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade por meio de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físico (espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliário e meios de transporte), nos procedimentos técnicos e principalmente na mentalidade de todas as pessoas, como também das pessoas com necessidades especiais. Inclusão e exclusão são facetas de uma mesma realidade: discutir mecanismos para viabilizar a inclusão social, econômica, digital, cultural ou escolar significa admitir a lógica intrinsecamente excludente presente nos atuais modos de organização e produção social que se quer modificar (MATISKEI, 2004 *apud* SIQUEIRA; SANTANA, 2010, p. 128).

Dessa forma, a inclusão se faz com as modificações mencionadas para se chegar a uma universidade que valorize a permanência dos alunos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das práticas mais utilizadas por professores na educação de surdos é uma abordagem mais visual, tentando assim tornar o conteúdo de mais fácil compreensão. Nesse sentido, ao perguntar aos professores qual a melhor forma eles acreditam que o aluno surdo aprende melhor. Obtivemos como resposta que seria por meio de slides, “portanto, vemos que o/a surdo/a tem sua maneira de interagir com o mundo e a experiência visual é uma das principais características que podem ser associadas à sua identidade humana e cidadã”. (SILVA, 2016, p. 32 *apud* CONSTANTINO e DORNELES, p. 9, 2019).

As perguntas iniciais do estudo foram necessárias para sondar o conhecimento dos professores sobre Libras. De acordo com as respostas, nenhum dos respondentes sabe Libras ou fez algum curso, após a confirmação do não contato com a Libras foi perguntado se o professor(a) se sentia preparado para dar aula a um aluno surdo P2 e P3 disseram que não, enquanto P1 disse que: “com a presença do intérprete sim”. Sobre isto Constantino e Dorneles, 2019, p. 11, diz que:

Os professores são os agentes principais na formação do sujeito crítico. A presença de um segundo agente na relação entre professor e alunos surdos deveria facilitar o processo de mediação do conhecimento científico devido a barreira linguística existente entre os primeiros.

É importante analisar que um dos professores reconhece a intérprete como indispensável e com ela consegue ministrar sua aula tranquilamente. No entanto, dois dos professores mesmo com a intérprete em sala não se sentem preparados para ministrar suas aulas e isso mostra que a barreira da comunicação não é a única que eles percebem em relação ao aluno surdo.

Outra pergunta destacada foi a baseada na visão dos professores sobre qual era o papel da intérprete de Libras, segue as respostas:

P1: O intérprete é essencial para a inclusão do aluno surdo sabendo-se que os professores não tem formação em libras.

P2: Mediação.

P3: Adaptar a informação para que seja compreendida pelo surdo(a).

Ou seja, é visível que os docentes percebem que o aluno necessita de uma adaptação do conteúdo, e que essa adequação também é favorável para ele mesmo. Já que o choque de duas línguas em que onde nenhum dos agentes da comunicação domina ambas gera incompreensão. Portanto, fica claro que:

[...], a presença do intérprete de língua de sinais não é suficiente para uma inclusão satisfatória, sendo necessária uma série de outras providências para que este aluno possa ser atendido adequadamente: adequação curricular, aspectos didáticos e metodológicos, conhecimentos sobre a surdez e sobre a língua de sinais, entre outros. ( LACERDA, 2006, p. 176).

Foi perguntado também se sem a presença do intérprete de Libras o professor conseguia ministrar a sua aula, todas as respostas entram em consenso na negativa. Caso eles tivessem que ensinar ao aluno surdo sem a presença do intérprete de Libras, quais as maiores dificuldades para ensinar ao aluno surdo sem a presença de um intérprete?

P1: Não saber libras e não ter como fazer as duas coisas ao mesmo tempo: falar português e libras.

P2: Eu não sou alfabetizada em libras e é muito difícil sinalizar para um surdo numa aula e para vários outros ouvintes.

P3: A comunicação. Serão duas línguas diferentes se chocando.

Claramente nota-se que:

No universo do seu fazer didático, o docente encontra heterogeneidade nas classes que leciona e mediante presença de estudantes com alguma deficiência ou necessidade especial, várias adequações se fazem necessárias do ponto de vista da acessibilidade a todos [...] (SIQUEIRA; SANTANA, 2010, p. 129).

Ao reconhecer o não conhecimento em Libras, sondamos para saber se o professor mesmo com poucos conhecimentos sobre a primeira língua do aluno surdo sabia as formas que discente poderia aprender melhor:

P1: Uso de imagem.

P2: Bilinguismo e uso de imagens.

P3: com a ajuda da intérprete, com textos curtos e uso de imagem.

As perguntas e respostas anteriores esclarecem que os professores não possuem o conhecimento básico em Libras, que reconhecem a intérprete como fundamental no processo de ensino – aprendizagem e que compreendem que a abordagem deve ser mais visual, logo percebem que uma ação conjunta com o intérprete indo além da interpretação seria mais efetiva, então foi perguntado, o intérprete tem alguma participação no planejamento da disciplina? P1 e P3 disse que sim, P2 disse que não. É importante lembrar que:

O aluno surdo é usuário de uma língua que nenhum companheiro ou professor efetivamente conhece. Ele é um estrangeiro que tem acesso aos conhecimentos de um modo diverso dos demais e se mantém isolado do grupo (ainda que existam contatos e um relacionamento amigável). (LACERDA, 2006, p. 177).

O intérprete é o único meio de comunicação entre todos que compõe a turma, sendo importantíssimo o compartilhamento entre professores e intérprete para que o aluno se sinta mais acolhido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que as experiências dos professores foram diversas mesmo estando em situações semelhantes. Vale resaltar que a diferenciação das suas experiências com o aluno surdo foram diferentes na medida em que iam vivendo a situação e agindo sobre ela de formas distintas.

Dentre os três agentes do processo de inclusão do ensino superior está o aluno surdo que é a pessoa que está naquele espaço para aprender, o professor que é o

responsável por ensinar e a intérprete que é a principal representação da acessibilidade para alunos surdos.

No decorrer da pesquisa ficou claro que os professores desconhecem tanto a Língua Brasileira de Sinais – Libras como qualquer outra abordagem referente ao aluno surdo, porém mesmo sem conhecimentos da Libras conseguem presumir formas mais acessíveis de ensinar. Observou-se que ao reconhecer sua falta de conhecimento sobre a Libras, os professores reforçam a presença da intérprete como indispensável e insubstituível.

Portanto a relação exercida em sala de aula entre estes três é benéfica para inclusão se houver colaboração, empatia e cuidado. A colaboração entre professores e intérpretes ocasionará o professor se colocando no lugar do seu aluno e buscando formas cuidadosas de ensinar respeitando qualquer particularidade dos indivíduos.

**Palavras-chave:** Inclusão; professor, acessibilidade, colaboração, ensino.

## REFERÊNCIAS

CONSTANTINO, Ana Luiza Alves; DORNELES, Aline Machado. Educar para alteridade na formação de professores de química: experiências vivida com a educação de surdos. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [S. l.], v. 05, não paginado, 19 mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i4.1138>. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1138>. Acesso em: 16 jul. 2021.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS SURDOS: O QUE DIZEM ALUNOS, PROFESSORES E INTÉRPRETES SOBRE ESTA EXPERIÊNCIA. *Cad. Cedes*, [S. l.], v. 26, p. 163-184, 23 jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KWGSm9HbzsYT537RWBNBcFc/?lang=pt&format=pdf#:~:text=.unicamp.br%3E-,A%20inclus%C3%A3o%20escolar%20de%20alunos%20surdos%3A%20o%20que%20dizem%20alunos,n%C3%A3o%20t%C3%AAm%20uma%20configura%C3%A7%C3%A3o%20est%C3%A1vel>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SIQUEIRA, Inajara Mills; SANTANA, Carla da Silva. PROPOSTAS DE ACESSIBILIDADE PARA A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR. *Revista Brasileira de Educação Especial*, [S. l.], v. 16, p. 127-136, 23 jun. 2010. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/KkfLLrZ4kTjdTyMhbY3gzfk/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2021.